

A CULTURA E O BRINCAR: BREVE REFLEXÃO DESTA RELAÇÃO¹

Autor (1)

Alex Santos Rocha

Graduando em Pedagogia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Co-autor (2)

Tânia Maria Alves de Almeida

Graduando em Pedagogia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Orientador (3)

Ennia Débora Pires Braga

Doutora em Educação

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar e refletir sobre o tema brincar. Partindo de uma análise bibliográfica, procurou-se apontar argumentos sobre a influência da cultura no brincar, evidenciando a dimensão histórica e cultural dos brinquedos e brincadeiras. Para tanto, buscando entender essa relação com autores como: Brougère (2001), Kishimoto (2002) e Borba (2006, 2007) para os quais a brincadeira assume a forma específica de fator social que pressupõe uma aprendizagem e uma importante experiência de cultura e que, ao longo dos anos, vem se modificando.

Palavras-chave: Criança. Brincar. Cultura.

Introdução

Neste trabalho o brincar e o brinquedo são considerados como elementos de uma sociedade historicamente determinada, que lhe confere sentido através de seus aspectos materiais e simbólicos, ou seja, funções sociais e especificidades ressignificadas pela própria atividade lúdica. Se considerarmos cultura como sendo um conjunto de significações produzidas pelo homem, e o brincar, o brinquedo e os jogos como produtos sociais e históricos, temos que considerar que estes últimos revelam traços importantes da cultura que determinam o povo em um dado momento histórico.

Sendo assim, a criança não brinca numa ilha. Como o adulto, ela não se satisfaz apenas com a realidade, ela necessita relacionar com o imaginário. Esse imaginário é fruto de um banco de dados (as representações, as imagens, os símbolos ou os significados) disposto pela cultura. Portanto, a criança brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são acessíveis (BROUGERE, 2001).

¹ Trabalho originário do Projeto de Pesquisa: Memórias e cultura lúdica no município de Itapetinga/BA em meados do século xx.

Pesquisas mostram a importância do brincar na socialização, pois brincando a criança estabelece vínculos sociais, ajusta-se ao grupo e aceita a participação de outras crianças com os mesmos direitos. Nesta perspectiva, este estudo elege como foco os brinquedos e as brincadeiras como elementos inerentes da cultura.

A infância é um momento profícuo para apropriação desse “arcabouço” constituído pela cultura. E o brincar e o brinquedo tornam-se importantíssimos nesse processo, daí a relevância deste estudo bibliográfico que busca aqui refletir sobre a relação entre a cultura, os brinquedos e as brincadeiras. Como o brincar está implicado com a cultura? Qual o impacto da cultura nas brincadeiras?

Na busca de respostas para os questionamentos acima descritos, o presente trabalho tem por objetivo principal analisar os brinquedos e as brincadeiras reconhecendo a importância destes como elementos da cultura.

Cultura, brinquedos e brincadeiras

O cinema e o teatro, a literatura, as artes visuais, a dança e a música representam formas de expressão criadas pelo homem como possibilidades de dialogar com o mundo. É através dessas expressões que os homens e mulheres se tocam dialeticamente para apropriar da cultura. O brinquedo e a brincadeira, no universo infantil, se tornam nesse aspecto a principal forma de dialogar com o mundo.

Esses dois domínios, o brinquedo e a brincadeira, constituem espaços de criação, transgressão, formação de sentidos e significados que fornecem aos sujeitos novas formas de inteligibilidade, comunicação e reação à vida, reproduzindo e produzindo sentidos de existir. Brougère afirma que, “o brinquedo pode ser considerado uma mídia, que transmite à criança certos conteúdos simbólicos, imagens e representações reproduzidas pela sociedade que a cerca” (BROUGÈRE, 2001, p. 63).

Entretanto, a cultura lúdica dispõe de certa autonomia, de um ritmo próprio, mas só pode ser entendida em interdependência com a cultura global de uma sociedade específica. Nesse sentido, a criança não recebe uma cultura completamente constituída, mas opera transformações nessa cultura, seja na forma como interpreta e integra, seja nos efeitos que nela produz com suas próprias práticas. William Corsaro (2009) usa o termo reprodução interpretativa como uma alternativa para a compreensão dessa inserção ativa e criativa das crianças no mundo. Para ele, as crianças são, ao

mesmo tempo, produto e produtora de cultura, pois elas não apenas reproduzem ou imitam o mundo dos adultos.

De acordo com Borba (2007), a experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. Portanto, essa experiência não é simplesmente reproduzida, e sim, recriada a partir do que a criança traz de novo, com seu poder de imaginar, criar, reinventar e produzir cultura.

A brincadeira não é algo já dado na vida do ser humano, uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de significação social que, como outras, necessitam de aprendizagem, ou seja, aprende-se a brincar desde cedo, nas relações que os sujeitos estabelecem com os outros e com a cultura. Nesse sentido, “não existe na criança uma brincadeira natural, a brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto, de cultura” (BROUGERE, 2001 p. 97).

Para Borba (2007), o brincar é uma atividade que, ao mesmo tempo, identifica e diversifica os seres humanos em diferentes tempos e espaços. É também uma forma de ação que contribui para a construção da vida social coletiva.

Para a criança, a brincadeira é uma forma privilegiada de interação com os outros sujeitos (adultos e crianças), com os objetos e com a natureza à sua volta. Brincando, ela se apropria criativamente das práticas sociais específicas dos grupos aos quais pertence, aprendendo sobre si mesma e sobre o mundo em que vive.

A brincadeira, segundo Borba (2007), assume importância fundamental como forma de participação social:

Se entendermos que a infância é um período em que o ser humano está se constituindo culturalmente, a brincadeira assume importância fundamental como forma de participação social e como atividade que possibilita a apropriação, a ressignificação e a reelaboração da cultura pelas crianças (BORBA, 2007, p.12).

O brincar é, portanto, uma importante experiência de cultura e um complexo processo interativo e reflexivo que amplia os conhecimentos da criança sobre o mundo e sobre si mesma.

No Brasil, os termos jogo, brinquedo e brincadeira ainda são empregados de forma indistinta, demonstrando um nível baixo de conceituação neste campo (KISHIMOTO, 2002, p. 17). Este trabalho adota a definição proposta por Friedman:

Brincadeira refere-se basicamente ao ato de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não estruturada. Jogo seria uma brincadeira que envolve regras. Brinquedo é o objeto de brincar e atividade lúdica abrange de forma mais ampla os conceitos anteriores (FRIEDMAN, 1992, p. 28).

A literatura sobre as brincadeiras e brinquedos e sua importância na vida das crianças é bastante extensa e vários autores referiram-se a eles como fundamentais para o desenvolvimento

infantil. A brincadeira traduz valores, costumes e formas de pensar e, sendo uma atividade ligada ao contexto social e cultural, foi encarada de maneira muito variada nas diferentes sociedades em diferentes épocas. É, portanto, uma atividade que ocorre em todas as partes do mundo e em todos os tempos. Diferentes correntes da Pedagogia e da Psicologia acentuaram a importância do brincar para a infância, considerando-o como uma atividade dominante durante os anos de crescimento, para a construção do conhecimento, a aquisição de regras e a expressão do imaginário. Mas só nos séculos XVIII e XIX, com as pedagogias advogadas respectivamente por Rousseau e Froebel, encontram-se as bases necessárias para o estabelecimento de práticas educativas.

Com Froebel (1782-1852), o criador do jardim-de-infância, o brincar passa a fazer parte do centro do currículo da educação infantil. Pela primeira vez a criança brinca na escola, manipula brinquedos para aprender conceitos e desenvolver habilidades. Jogos, música, arte e atividades externas integram o programa diário composto pelos dons e ocupações froebelianas. Ele foi pioneiro ao reconhecer na brincadeira a atividade pela qual a criança expressa sua visão do mundo, sendo ela a principal fonte do desenvolvimento na primeira infância. Este período é, para ele, o mais importante da vida humana, constituindo-se na fonte de tudo o que caracteriza o indivíduo, toda a sua personalidade.

Outro ponto a se considerar é que as crianças são sujeitos sociais e históricos, marcados pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. Elas produzem cultura e são produzidas na cultura. Por isso, não formam uma comunidade isolada, mas, fazem parte de um grupo e suas brincadeiras expressam esse pertencimento (KRAMER, 2007). E por situar-se nesse contexto histórico e social, as crianças acabam por incorporar a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelecem com os outros – adultos e crianças. Sendo assim, o brincar alimenta-se das referências e do acervo cultural a que as crianças têm acesso, bem como das experiências que elas têm (BORBA, 2007).

As crianças entram em contato o tempo todo, durante a brincadeira, com signos produzidos pela cultura à qual pertencem. Para Brougère (2001), a brincadeira de casinha, os brinquedos de guerra, os heróis da televisão ou a sandália da dançarina de axé são elementos que encerram em si significados e ideologias. Nesse sentido é que ocorre a bidirecionalidade da transmissão cultural, pois a atividade de brincar da criança é estruturada conforme os sistemas de significado cultural do grupo a que ela pertence. Mas, ao mesmo tempo, essa atividade é reorganizada no próprio ato de brincar da criança, de acordo com o sentido particular que ela atribui às suas ações, em interação com seus pares.

O contexto social contemporâneo, marcado pela falta de espaço nas grandes cidades, pela pressa, pela influência da mídia, pelo consumismo e pela violência acaba se refletindo na forma como a criança brinca. Borba (2006) assinala que essa influência pode ser tanto pelo contexto físico do ambiente, a partir dos recursos naturais e materiais disponíveis, como também pelo contexto simbólico, ou seja, pelos significados preexistentes e partilhados pelo grupo de crianças. Todos esses elementos externos à brincadeira, localizados na escola, na família, no bairro ou na mídia televisiva, entre outros espaços propiciadores de experiências sociais e culturais, são reinterpretados pelas crianças e articulados às suas experiências lúdicas. A partir daí geram-se novos modos de brincar.

A televisão, por exemplo, é um elemento externo de grande influência hoje, mas é preciso salientar que suas imagens e representações não são simplesmente imitadas pelas crianças, mas recriadas a partir de suas práticas lúdicas. Brougère (2001) pontua que a televisão, com suas imagens e ficções, influenciou a vida e a cultura lúdica da criança.

A televisão não se opõe à brincadeira, mas alimenta-a, influencia-a, estrutura-a na medida em que a brincadeira não nasceu do nada, mas sim daquilo com que a criança é confrontada. Reciprocamente, a brincadeira permite à criança apropriar-se de certos conteúdos da televisão (BROUGÈRE, 2001, p. 57).

Segundo Brougère, o brinquedo se tornou uma indústria de imagem a qual remete a uma função social com conteúdo para o desejo. Atualmente, a mídia desempenha papel considerável nas sociedades e a televisão é responsável por influenciar as brincadeiras.

Considerações Finais

O brincar, entendido como atividade própria da infância, tem transcendido a inspiração de poetas, pintores e escritores, perpassando as análises das diversas áreas do conhecimento até chegar ao interesse do mercado com sua ideologia consumista.

A cultura, entendida como uma rede de significados compartilhados por determinado grupo de pessoas, é uma criação humana calcada na linguagem. Por tratar-se da atividade predominante da criança, a brincadeira torna-se a porta de entrada na cultura à qual ela pertence, dando origem ao que Brougère (2001) denomina “cultura lúdica”.

O presente estudo procurou analisar, mesmo que de forma breve, a relação do brincar com a cultura, tentando revelar o impacto da cultura nas brincadeiras e em que medida estes aspectos se implicam. Concluímos que as brincadeiras das crianças não podem ser vistas como forma isolada, pois elas nascem da apropriação dialética com os objetos pertencentes ao mundo cultural e social ao

qual a criança pertence, ou seja, aprende-se a brincar. Como prática humana, o brincar e o brinquedo são historicamente construídos pela cultura na qual a criança esta inserida. Portanto, a atividade lúdica organiza a relação da criança com o mundo que a cerca. Longe de ser passiva, essa relação constitui-se como reflexo da contradição presente no mundo social.

Referências

BORBA, Ângela M. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: BRASIL, MEC/SEB Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____. **A brincadeira como experiência de cultura na educação infantil**. In: BRASIL/MEC-Revista Criança do professor de educação infantil – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. Trad. Gisela Wajskop. 4 ed. São Paulo, Cortez, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.

CORSARO, W. A. **Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares**. MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: Diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009; p. 31 50.

KRAMER, S. **A infância e sua singularidade**. In: BEAUCHAMP, J. et a. Ensino Fundamental de Nove Anos : Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 13-23.

FRIEDMANN, Adriana. (Org.) **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Scritta: ABRINQ. 1992